

## ELEIÇÃO E REPROVAÇÃO: LIDANDO COM A QUESTÃO DA DUPLA PREDESTINAÇÃO NOS CÂNONES DE DORT

Luciano Azambuja BETIM \*

**RESUMO:** Este artigo visa analisar a doutrina da dupla predestinação conforme redigida nos Cânones de Dort. A questão central consiste em entender se os Cânones de Dort ensinam a eleição e reprovação ativa (esquema positivo-positivo), ou a eleição ativa e reprovação passiva (esquema positivo-negativo). O trabalho tem seu ponto de partida nos textos dos Cânones de Dort, buscando dialogar com autores da Fé Reformada. O resultado da pesquisa indica que a eleição é um ato ativo-positivo da parte de Deus e a reprovação um ato passivo-negativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eleição; Igrejas Reformadas; Reprovação; Sínodo de Dort.

---

\* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Pós-graduado em teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-graduado em Estudos Teológicos pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (MACKENZIE); Graduado em teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR) e Faculdade Presbiteriana Sul-Brasileira (FATESUL); Email: lucianobetim@outlook.com.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo demonstrar como os Cânones de Dort apresentam a doutrina bíblica da predestinação. No contexto da fé reformada, essa é a doutrina que mais causa controvérsia. Contudo, como observa Sproul (2006, p.55), trata-se de uma crença ancorada nas Escrituras, e por isso deve ser analisada com cuidado e precaução. Uma questão pressupõe a outra, ou seja, se há eleição, há também a reprobção, sendo necessário também abordar esse assunto.

O Sínodo de Dort tratou de vários temas teológicos no contexto da Igreja Reformada Holandesa. Entretanto, o assunto da predestinação recebeu atenção mais detalhada nas discussões. De modo que a pergunta que norteia esta pesquisa é: A dupla predestinação é ensinada nos cânones de Dort? Para responder essa pergunta será feita uma análise no texto dos cânones, bem como um diálogo com a literatura reformada mais recente em suas variadas vertentes.

Os resultados indicam uma dupla predestinação. Porém, a hipótese principal aponta que essa dupla predestinação segue o esquema positivo-negativo. Em outras palavras, a eleição é um ato positivo da parte de Deus, sendo que, por outro lado a reprovação é um ato negativo. Pensando de outra forma, na eleição Deus age de modo ativo, enquanto na reprovação de modo passivo.

A metodologia adotada consiste na revisão de literatura disponível. Como fonte principal e primária utilizar-se o texto dos Cânones de Dort, conforme tradução publicada pela Editora Clire. A pesquisa dialoga ainda com textos de Anthony Hoekema, Wayne Grudem, John Piper, R.C. Sproul, Edward Spencer e outros, todos autores situados na tradição reformada. A versão bíblica padrão nas citações é a Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI).

O texto divide-se em três partes principais. Em primeiro lugar será realizada uma breve exposição da situação histórica do Sínodo de Dort. Em segundo lugar algumas definições em relação aos termos eleição e

reprovação. Em terceiro e quarto lugar, uma investigação da doutrina eleição bem como da reprovação, conforme o texto apresentado nos Cânones de Dort e seu eco na tradição reformada.

## 1. O SÍNODO DE DORT

As igrejas nos países baixos tiveram sua origem na reforma em João Calvino. O Sínodo de Dort (1618-1619) ocorreu na cidade de Dort, Holanda. Teve início no dia 13 de novembro de 1618, tendo delegados advindos de Igrejas Reformadas dos Países Baixos, e mais vinte e sete representantes de igrejas reformadas estrangeiras (OS CÂNONES, 2017, p.113). Foi uma grande assembleia, um sínodo reunindo grupos das principais igrejas reformadas na Europa e nas Ilhas Britânicas.

A teologia reformada sempre esteve envolta em profundas discussões teológicas. Nesse sentido, tendo uma grande dimensão, essa assembleia foi convocada para lidar com as questões teológicas e eclesiásticas na igreja

Reformada da Holanda (ERICKSON, 2011, p.63). Mas não era um problema localizado apenas nos países baixos. De certo modo se tratava de algo que poderia influenciar todo o movimento reformado de modo geral, trazendo consequências para a fé cristã nesse contexto.

A questão toda começou com Jacob Armínio e depois com os herdeiros de sua teologia, quando da publicação de seus ensinamentos. Jacob Armínio, em:

Sua tentativa de mudar o Calvinismo [...] gerou oposição de seu amigo Francisco Gomorra. Armínio pediu então ao governo a convocação de um Sínodo nacional, mas morreu antes. Seus seguidores, entre os quais estava Hugo Grotius, entendido em direito internacional, compilaram suas ideias na representação de 1610 (1995, pp.264-265).

A pauta do Sínodo de Dort incluía uma diversidade de questões bíblico-teológica. Restringido ao foco deste artigo, os temas debatidos tratavam da depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos (ERICKSON, 2011, p.33). Foram 154 intensas sessões, que durante sete meses, nos quais os artigos

do arminianismo foram declarados contrários ao ensino das Escrituras (SPENCER, 2000, p.11). Parte dos resultados das discussões realizadas em Dort, originou aquilo que é conhecido na teologia reformada como os cinco pontos do calvinismo.

As igrejas reformadas são comunidades confessionais. Os cânones de Dort, juntamente com a Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg, são os documentos confessionais das igrejas reformadas na Holanda e em outras partes do mundo (WIESKE, 2019, p.11). Conhecidos como *As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas*, serviram de base para a confecção da *Confissão de Fé de Westminster* e dos *Catecismos Maior e Breve de Westminster*. A igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) adota estes últimos documentos.

## 2. ELEIÇÃO E REPROVAÇÃO DEFINIDAS

Como já observado, o Sínodo de Dort tratou de vários assuntos relacionados a Bíblia e temas teológicos diversos,

entre eles as doutrinas da graça. Uma das matérias debatidas se refere ao a eleição, tese vista dentro da estrutura geral da predestinação. Entretanto não há como falar da eleição sem fazer referência ao outro lado da questão, ou seja, o ensinamento das Sagradas Escrituras em relação a reprovação.

O Novo Testamento indica uma série de textos sobre a eleição (Ef 1:10-11, Rm 8:29-30, Rm 9-11, 1 Pe 1:2). Os Cânones de Dort (2017, p.117) definem a eleição bíblica como “[...] o propósito de Deus, pelo qual Ele, antes da fundação do mundo, dentre toda a raça humana caída pela própria culpa [...] por pura graça escolheu em Cristo, para a salvação, um número grande e definido de pessoas específicas”. Uma outra definição indica que a “[...] eleição é um ato de Deus, antes da criação, no qual ele escolhe para a serem salvas, não por causa de algum mérito antevisto nelas delas [...] (GRUDEM, 1999, p.560). Ambas as definições enfatizam a livre graça de Deus para com o pecador.

Essa doutrina é um lembrete de que se não fosse a misericórdia de Deus, se não fosse essa intervenção divina, todos pereceriam e seriam condenados. Esse propósito eletivo divino, no entender de Grudem (1999, p.560), se baseia unicamente no plano de Deus, sem nenhuma participação de méritos humanos. É um ato da graça imerecida de Deus, antes da fundação do mundo: “Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo [...] Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos” (Ef 1:4,5 – NVI).

A Bíblia Sagrada se refere também a reprovação (Rm 9:17-22; Jd 1:4; 1Pe 2:8) Os Cânones (2017, p.103) referem-se aos reprovados como aqueles que foram “preteridos na eleição eterna de Deus [...] Deus decretou deixá-los na miséria comum em que se lançaram [...]”. Grudem (1999, p.573.) define também reprovação como “[...] decisão soberana de Deus, antes da criação, de não levar em conta algumas pessoas, decidindo em tristeza não as salvar e puni-las por seus peados, manifestando por meio disso sua



justiça”. Ao condenar o pecador, o problema não está em Deus, mas em seus próprios pecados.

O povo de Deus encontra-se, aqui, diante de um grande mistério. Esse mistério, nas palavras de Grudem (1999, p.573) é uma decisão soberana de Deus, o qual delibera com tristeza, deixar os pecadores em seu estado natural e condenando-os por seus próprios pecados. Nesse sentido, na eleição há o regozijo divino, o que não se pode afirmar na reprovação. As escrituras Sagradas ensinam: “E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para destruição?” (Rm 9:22 – NVI).

### 3. A ELEIÇÃO É ATO POSITIVO DE DEUS

Algumas pessoas colocam sua confiança em Deus para a salvação, outras não. Na teologia reformada, aqueles que creem são os eleitos de Deus. Essa assertiva teológica conduz a discussão sobre a dupla predestinação. Colocando a

questão de outra forma: A eleição é um ato ativo e positivo de Deus. Mas e na reprovação, Deus age ativamente e positivamente, forçando o réprobo e conduzindo-o a perdição final? O conceito da dupla predestinação – eleição e reprovação –, pode ser explicado em termos de um esquema “positivo-positivo” e “negativo-negativo” na dupla predestinação.

Aqui é necessário certo cuidado para não cair no erro do fatalismo mecanicista:

Alguns cristãos têm encarado a predestinação dupla como uma questão de causação igual, onde Deus é igualmente responsável por fazer com que o réprobo não creia, assim como é responsável por fazer com que o eleito creia. Chamamos isso de visão positivo-positivo da predestinação. A visão reformada da predestinação dupla segue um esquema positivo-negativo. No caso dos eleitos, Deus intervém de forma positiva e ativa operando a graça em seus corações e levando-os à fé salvadora. Deus regenera de maneira unilateral os eleitos e assegura sua salvação. No caso dos réprobos, ele não opera o mal em seus corações ou impede que cheguem à fé. Pelo contrário, ele os ignora, deixando-os à mercê de seus próprios esquemas pecaminosos. Segundo este ponto de vista, não há simetria na ação divina. A atividade de Deus é

assimétrica entre os eleitos e os réprobos (SPROUL, 2006, p.58).

Na eleição, Deus é visto como aquele que age positivamente, trabalhando no processo da conversão do escolhido. Os Cânones (2017, p.117) são bastante claros nesse ponto: “de acordo com este decreto, Ele graciosamente quebranta o coração dos eleitos, duros que sejam, e os inclina a crer”. O aspecto positivo da parte de Deus é ressaltado ainda mais, ao afirmar que “Ele decretou conceder-lhes a verdadeira fé em Cristo, justificá-los santificá-los, e depois de tê-los preservado poderosamente na comunhão de seu filho [...] glorificá-los” (CÂNONES, 2017, p.118). Há uma espécie de corrente, na qual seus elos estão interligados pela obra de Deus, desde a eleição até a glorificação.

O chamado à fé, ocorrendo na vida do eleito, é visto também como parte do processo ativo e positivo de Deus. O eleito, ao ouvir o chamado, vem, não por algum mérito próprio, mas apenas porque esse chamado é eficaz, o qual conduz ao arrependimento e fé, frutos também da ação ativa

de Deus (CÂNONES, 2017, p.139). Isso apenas por meio da graça, sendo assim uma “[...] obra soberana de Deus em vencer a rebelião de nosso coração e trazer-nos à fé em Cristo [...]” (PIPER, 2014, p.31). Deus escolhe, Deus trabalha para o tudo se concretize. Do início ao fim, a caminhada daqueles que por Deus são escolhidos ocorre sob seu amoroso plano eterno.

#### 4. A REPROVAÇÃO É ATO NEGATIVO DE DEUS

Um aspecto controverso na doutrina da predestinação diz respeito aos reprovados, ou seja, aqueles que não forma eleitos. Esse assunto merece atenção, considerando que um entendimento equivocado pode conduzir ao entendimento de uma dupla predestinação fatalista. Os Cânones (2017, p.115) ressaltam que todos os homens pecaram em Adão e estão debaixo da condenação, sendo não seria injustiça da parte de Deus caso condenasse todos. Prossegue afirmando que os réprobos são deixados em seus próprios males

(CÂNONES, 2017, p.121). Não há uma ação ativa e positiva da parte de Deus sobre o réprobo, mas são eles unicamente deixados em sua condição natural.

Essa condição é mui claramente exposta, enfatizando a responsabilidade do homem por sua condenação:

Deus, pelo seu beneplácito muito soberano, justo, irrepreensível e imutável, decretou deixá-los na miséria como em que eles se lançaram por sua própria culpa, e não lhes concedeu a fé salvadora nem a graça da conversão. Para mostrar sua justiça, Deus os deixou em seus próprios caminhos e debaixo do seu justo juízo, decretando por fim os condenar e punir eternamente [...] Esse é o decreto da reprovação, o qual não faz de Deus o autor do pecado [...] (CÂNONES, 2017, p.121).

Há também o esclarecimento por parte do Sínodo, sobre a razão pela qual alguns rejeitam o chamado sincero do evangelho. Isso ocorre não porque haja alguma falha no evangelho, mas por culpa dos próprios pecadores em suas disposições pessoais (SÍNODO, 2017, p.138). A rejeição ao chamado, bem como a reprovação é apresentada em termos de atos passivos e negativos da parte de Deus. O homem é

deixado em sua condição natural pecaminosa. É importante observar que do ponto de vista bíblico-confessional, o pecador é responsável por seus próprios pecados: “Teria eu algum prazer na morte do ímpio?, palavra do Soberano Senhor. Pelo contrário, acaso não me agrada vê-lo desviar-se dos seus caminhos e viver?” (Ez 18:23 – NVI)

Estamos diante de um ponto de tensão na soteriologia reformada. É uma tarefa difícil conciliar a oferta sincera do evangelho com o aspecto da reprovação. A observação de Hoekema (1997, p. 86) é pertinente e esclarecedora, ao afirmar que “uma vez que a Bíblia ensina tanto a eleição eterna quanto a boa intenção da vocação [...] continuaremos a manter nossa crença em ambas as doutrinas, mesmo que não possamos reconciliá-las [...]. Pesando desse modo, evita-se o racionalismo, aquele conceito que busca prender Deus na lógica do pensamento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença na doutrina bíblica da eleição e reprovação, bem como do pecado, vem sendo debatido a séculos. Na patrística ocorreu a tensão entre Agostinho e os ensinamentos de Pelágio, sendo considerado heresia o pelagianismo. Considerando uma discussão de mais de dois mil anos, este artigo não teve a pretensão em nenhum momento de esgotar o assunto e bater martelo. O objetivo principal foi verificar o ensino do Sínodo de Dort sobre a dupla predestinação, conforme registrado nos Cânones.

O ponto principal na pesquisa visou apresentar a teologia de Dort em relação a eleição e a reprovação. Buscamos responder a pergunta norteadora, “os Cânones ensinam ou não o esquema positivo-positivo ou positivo-negativo na ação divina?”. Com base nas declarações do Sínodo, concluiu-se que por um lado Deus age ativamente na vida do eleito (positivo), e por outro lado passivamente sobre o réprobo (negativamente). Esse é o posicionamento

confessional do Sínodo de Dort em relação a eleição e reprovação.

Qual seria a importância prática na vida do cristão ao estudar a eleição e reprovação? Em outras palavras, na relação pessoal com Deus, todo salvo deveria perguntar-se: Por que sou cristão? Grudem (1999, p.575) responde que “a doutrina da eleição responde que sou cristão só porque Deus na eternidade passada decidiu aplicar seu amor sobre mim [...] Não por qualquer coisa boa em mim, mas simplesmente porque ele decidiu me amar”. O profeta exclamou: “O povo que escapou da morte achou favor no deserto. Quando Israel buscava descanso, o Senhor lhe apareceu no passado, dizendo: Eu a amei com amor eterno; com amor leal a atraí” (Jr 31:2,3 – NVI).

Eleição não é um conceito abstrato, de modo que é importante um olhar experimental sobre a questão da eleição. A eleição, diz Grudem (1999, p.562-563), deve ser vista como fonte de consolo para o cristão em suas lutas, como motivo para adoração a Deus e como uma fonte de



impulso missionário. É uma doutrina prática, tendo como objetivo conduzir o povo de Deus a humildade:

Se você é um crente em Cristo, é amado por Deus desde toda a eternidade. Ele colocou seu favor sobre você antes da criação do mundo. Ele o escolheu quando o viu em sua condição desesperadora. Ele o escolheu incondicionalmente para si mesmo. Não podemos nos vangloriar de nossa eleição [...] Quando não tínhamos, de maneira alguma, a nos recomendar para com Deus, ele colocou seu espontaneamente seu favor sobre nós (PIPER, 2014, p.78).

A igreja cristã está diante de um mistério, o mistério do amor eletivo e eterno de Deus. E isso, unicamente pela graça de Deus, nada mais. As palavras de Paulo refletem o enigma diante do qual o homem se sente pequeno: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos! "Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?" (Rm 11.33-34 - NVI). Eleição e reprovção são partes da predestinação. A igreja se alegra pela obra ativa de Deus na escolha e chamada do eleito.

Quanto aos demais é mistério que pertence ao Deus escondido.

## REFERÊNCIAS

**CÂNONES de Dort.** In: **As três formas de Unidade das Igrejas Reformadas.** Recife: Clire, 2017.

**BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional (NVI).** São Paulo: Vida, 2007.

**CAIRNS, Earle. O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

**ERICKSON, Millard. Dicionário Popular de Teologia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

**GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática: Atual e exaustiva.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

**HOEKEMA, Anthony. Salvos pela graça: A doutrina Bíblica da Salvação.** São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

**PIPER, John. Cinco pontos: Em direção a uma experiência mais profunda com Deus.** São José dos Campos: Fiel, 2014.

**SPENCER, Edward. Tulip: Os cinco pontos do Calvinismo.** São Paulo: Edições Parakletos, 2000.

**SPROUL, R.C. Verdades essenciais da fé Cristã, 2º caderno.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

WIESKE, Kenneth. **Apresentação**. In: **As três formas de Unidade das Igrejas Reformadas**. Recife: Clire, 2017.